

Oficina de Pergunta Consultoria e Assessoria
Centro de Pesquisa e Formação – CPF do Sesc São Paulo
2022

moralidades
CONVERSAS
amoralidades
SOBRE
imoralidades
ÉTICA

1 renato janine ribeiro



MÓDULO I

TEMPOS E ESPAÇOS DE CRIAÇÃO DE
VALORES MORAIS E PRINCÍPIOS ÉTICOS.
DOMINAÇÃO OU PLURALIDADE?

moralidades **CONVERSAS** amoralidades **SOBRE** imoralidades **ÉTICA**

1 renato janine ribeiro

A MORAL É OCIDENTAL? TUDO COMEÇOU NA GRÉCIA...?
As morais dos povos antigos,
a moral dos orientais,
a moral africana,
a moral pré-socrática.

SESC – SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO

Administração Regional no Estado de São Paulo

PRESIDENTE DO CONSELHO REGIONAL
Abram Szajman

DIRETOR DO DEPARTAMENTO REGIONAL
Danilo Santos de Miranda

SUPERINTENDENTES
TÉCNICO-SOCIAL Joel Naimayer Padula
COMUNICAÇÃO SOCIAL Ivan Giannini
ADMINISTRAÇÃO Luiz Deoclécio Massaro
Galina ASSESSORIA TÉCNICA E DE
PLANEJAMENTO Sérgio José Battistelli

GERENTES
CENTRO DE PESQUISA E FORMAÇÃO Andréa
de Araújo Nogueira ARTES GRÁFICAS Hélcio
Magalhães

EQUIPE SESC
Marcos Toyansk Silva Guimaraes, Maurício
Trindade da Silva, Rafael Peixoto,
Rosana Elisa Catelli e Sabrina da Paixão
Brésio

**MORALIDADES,
AMORALIDADES,
IMORALIDADES:
CONVERSAS SOBRE ÉTICA**

IDEALIZAÇÃO E COORDENAÇÃO GERAL
Fernando Rios e Terezinha Azerêdo Rios

REVISÃO Tomas Rosa Bueno

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO
Filipe Rios

PALESTRANTES CONVIDADOS
André Luiz dos Santos, Branca Jurema
Ponce, Christian Dunker, Eliane Potiguara
Halina Macedo Leal, Nilton Bonder, Renato
Janine Ribeiro, Renato Nogueira e Ricardo
Antunes

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Ribeiro, Renato Janine
Moralidades, amoralidades, imoralidades
[livro eletrônico] : conversas sobre ética 1 /
Renato Janine Ribeiro. -- São Paulo : Centro de
Pesquisa e Formação do Sesc São Paulo : Oficina
de Pergunta Consultoria e Assessoria, 2021.
PDF.
ISBN 978-65-87592-02-2
1. Ética (Moral filosófica) 2. Filosofia
3. Imoralidade 4. Moral I. Título.

22-8486

CDD-171.2

Índices para catálogo sistemático:

1. Ética : Aspectos morais : Filosofia 171.2
Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Onde a ética começa, e onde ela termina? Podemos tratar da moral no singular?

Pensar acerca dos temas da ética e da moral suscita as mais diversas questões, as quais por vezes não serão sanadas a contento. Se nosso tempo se apresenta como uma rede de complexidade, na qual nos deparamos com diferentes articulações morais e princípios éticos postos à prova, o ciclo **Moralidades, Amoralidades, Imoralidades: conversas sobre ética** apostou na relação do diálogo para expor e problematizar algumas destas interrogações, objetivando mais mobilizar o olhar crítico e autocrítico sobre nosso próprio fazer e agir socialmente, do que ofertar respostas prontas, ou defender teses conclusivas sobre qual a ‘melhor’ ética a se seguir, ou em qual moral devemos nos refugiar.

Partindo das perguntas-chave mobilizadoras que nomearam cada encontro, e com mediação da educadora Terezinha Azerêdo Rios, pesquisadores, pensadores e artistas de diferentes formações acadêmicas, campos de atuação e

territorialidades foram provocados a expor seus pontos de vista acerca do interminável tópico que é o da ética e suas leituras no contemporâneo, bem como sobre os modos de re-pensar as moralidades a partir de outras óticas, mais ampliadas, heterogêneas e inclusivas. Promovido pelo Serviço Social do Comércio de São Paulo (Sesc SP), por meio do seu Centro de Pesquisa e Formação (CPF), o ciclo ocorreu de junho a agosto de 2021, de modo on line, e esta publicação reúne o resultado de sua transcrição, como forma de amplificar e compartilhar as reflexões realizadas. Uma boa leitura.

Danilo Santos de Miranda

Diretor do Sesc São Paulo

Apresentação

Esta série de encontros - “Moralidades, Amoralidades, Imoralidades – conversas sobre ética” – foi organizada pela Oficina de Pergunta Consultoria e Assessoria Ltda e pelo Centro de Pesquisa e Formação - CPF do Sesc São Paulo. Participaram da elaboração do projeto, pela Oficina de Pergunta, Terezinha Azerêdo Rios e Fernando Rios; e, pelo Centro de Pesquisa e Formação, Sabrina da Paixão Brésio e Andréa de Araújo Nogueira. Queremos agradecer a todos os palestrantes por terem aceitado o nosso convite e prestar uma homenagem especial ao professor Roberto Romano, que deveria estar conosco no Encontro 4, no dia 29 de agosto de 2021, para falar sobre “Ética, Política e Economia - As relações de poder, os sistemas de governo. Os sistemas econômicos, as teorias”. Uma semana antes, no dia 22, fomos tristemente surpreendidos pela sua morte.

Homenagem ao professor Roberto Romano, um intelectual de primeira grandeza.

A morte do professor Roberto Romano deixou um vazio neste momento da história do Brasil. Era um defensor do ensino público, da ética, das políticas de inclusão nas universidades e da justiça social no país. Sua erudição e sua presença, tão necessárias, farão muita falta. Mas sua obra estará presente permanentemente em qualquer referência ao conhecimento reunido sobre história, política, filosofia e economia de nosso país.

Roberto Romano era graduado pela USP (1973) e fez doutorado em filosofia pela Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais de Paris, na França (1978). Era considerado uma das referências no país ao tratar de temas como ética, democracia, direitos humanos, ciência política e universidade pública. Além disso, foi autor de vários livros, entre eles *Igreja contra o Estado*, *Conservadorismo romântico: origem do totalitarismo* e *Razão de Estado e outros estados da razão*.

ESTRUTURA DO CICLO

MORALIDADES,
AMORALIDADES,
IMORALIDADES:
CONVERSAS SOBRE ÉTICA

PLANEJAMENTO, COORDENAÇÃO,
CURADORIA
Fernando Rios
Terezinha Azerêdo Rios

MEDIAÇÃO, PALESTRA
Terezinha Azerêdo Rios

MÓDULO I TEMPOS E ESPAÇOS DE CRIAÇÃO DE VALORES MORAIS E PRINCÍPIOS ÉTICOS - DOMINAÇÃO OU PLURALIDADE?

A ética começa quando
entra em cena o outro.
UMBERTO ECO

Reflexão sobre a diversidade
presente nas sociedades, no que diz
respeito às construções morais, com
o propósito de apresentar visões
diferentes, não para confrontá-las,
mas para apontar as contradições,
os conflitos e as possibilidades de
diálogo entre elas.

Toda ética digna deste nome parte da vida
e se propõe a reforçá-la, a torná-la mais rica.
FERNANDO SAVATER

ENCONTRO 1 / 10.06.2021

Apresentação do módulo
A MORAL É OCIDENTAL? – TUDO
COMEÇOU NA GRÉCIA...?
As morais dos povos antigos, a moral
dos orientais, a moral africana, a
moral pré-socrática.
Convidado:
Renato Janine Ribeiro

ENCONTRO 2 / 17.06.2021

A MORAL É BRANCA? – TUDO
COMEÇOU SEM MELANINA...?
As morais negras, as morais
indígenas...
Convidado:
Renato Nogueira

ENCONTRO 3 / 24.06.2021

A MORAL É MASCULINA? – TUDO
COMEÇOU COM ADÃO...?
As morais femininas, LGBT, queen...
Convidada:
Halina Macedo Leal

ENCONTRO 4 / 01.07.2021

A MORAL É BURGUESA? – TUDO
COMEÇOU COM O PATRÃO...?

A moral da classe trabalhadora

Convidado:

Ricardo Antunes

No fechamento do módulo,
defenderemos a ideia de que, no
campo da Ética, tudo começa – e
segue – com todos!

MÓDULO II.

ÉTICA, MORAL E COMPANHIA

– SABERES, PENSARES, SENTIRES.

O mais belo do mundo seria fazer-se o que se
sabe e pode

para que a vida de todos seja melhor.

VALTER HUGO MÃE

Articulação entre a ética e os
diversos campos do conhecimento
e do agir social, refletindo sobre
as suas fronteiras e as inúmeras
pontes que podem ser construídas
no sentido de ampliar os olhares e os
pontos de vista.

ENCONTRO 1 / 08.07.2021

ÉTICA E CIÊNCIAS

O objetivo da investigação científica,
os métodos. As especificidades das
ciências: exatas, biológicas, humanas.
Bioética.

Convidado:

Christian Dunker

ENCONTRO 2 / 15.07.2021

ÉTICA E RELIGIÕES

As manifestações religiosas na contemporaneidade. Os fundamentalismos.

Aqui aproveitamos para responder a questão “Tudo começou em Belém (na manjedoura)?”

Convidado:

Nilton Bonder

ENCONTRO 3 / 22.07.2021

ÉTICA E ARTES

O belo e o bem. O gesto criativo. A reflexão estética. Lazer/ludicidade

Convidada:

Eliane Potiguara

ENCONTRO 4 / 29.07.2021

ÉTICA E EDUCAÇÃO

A educação como construção da humanidade. A instituição escolar.

As políticas educacionais. Desafios e perspectivas.

Convidados:

1. Branca Junema Ponce

2. André Luiz dos Santos

ENCONTRO 5 / 05.08.2021

ÉTICA, MORAL, EDUCAÇÃO.

CONVERSAS SOBRE O CICLO.

HOMENAGEM AO PROFESSOR

ROBERTO ROMANO.

Convidados:

1. Branca Junema Ponce

2. André Luiz dos Santos

OFICINA DE PERGUNTA, CONSULTORIA E ASSESSORIA LTDA.
CENTRO DE PESQUISA E FORMAÇÃO - CPF DO SESC SÃO PAULO.

sabrina da paixão brésio

Introdução

Este ciclo é mais uma ação do Centro de Pesquisa e Formação - CPF do Sesc São Paulo, uma unidade voltada à reflexão crítica e à produção de conhecimento nos campos da educação, arte, gestão e mediação cultural.

Convidamos você a conhecer a [Revista do CPF](#), disponível gratuitamente no site do Centro, com atuais onze edições, compostas por artigos temáticos e estudos especiais.

Acompanhe também a série de lives que acontecem às terças, quintas e sábados, às 16 horas, no canal do [YouTube do Sesc São Paulo](#).

Iniciamos aqui a publicação das palestras do ciclo “Moralidades, Amoralidades, Imoralidades – conversas sobre ética”, Módulo 1, que aconteceu nos dias 10, 17 e 24 de junho e primeiro de julho de 2021, às quintas-feiras, das 19 às 21 horas. Tenho o prazer de apresentar a mediadora dos encontros, a professora Terezinha Azerêdo Rios. Terezinha é graduada em Filosofia pela Uni-

versidade Federal de Minas Gerais, mestre em Filosofia da Educação pela PUC de São Paulo e doutora em Filosofia da Educação pela USP. É pesquisadora do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Formação de Educadores da Faculdade de Educação da USP.

Passo a palavra a ela para a apresentação deste ciclo, do nosso convidado de hoje e para o início de nossa conversa.

terezinha azerêdo rios

Não há diálogo do mesmo.
O diálogo se faz na diversidade.

Boa noite para todos. Minha primeira palavra é de obrigada, obrigada ao Sesc, que acolheu de uma forma tão generosa esta proposta minha e de Fernando Rios, parceiro querido, e a todos vocês que estão aqui com a gente. É uma coisa muito boa poder levar adiante esta conversa. Quero agradecer muito particularmente no Sesc a Andréa e Sabrina. Andréa, que nos acolheu logo no início, e Sabrina, que nos conduziu pela mão em todos os momentos de preparação do trabalho.

Queremos que realmente valha isso que Sabrina acabou de trazer, quando apresentou o ciclo. Que sejam conversas efetivamente sobre essas questões que ligam a moralidade e a ética. A gente quer que seja mesmo uma conversa, que a gente possa receber de todo mundo as suas ideias, as suas crenças, os seus sentimentos, para que haja mesmo a possibilidade de um diálogo.

Não há diálogo do mesmo. Sempre digo isso. O diálogo se faz na diversidade. Se faz na pluralidade. É isso

que a gente quer neste ciclo. Que haja a possibilidade de uma partilha de ideias. Vários dos que estão aqui, com os quais tive a oportunidade de trabalhar, de conversar, lembrarão que sempre inicio por isso, que embora a gente possa falar em troca de ideias, o que há no departamento das ideias não é troca. Na troca, a gente tem sempre uma perda. Se troco com você meus óculos pela sua caneta, eu fico sem meus óculos e você fica sem caneta. Porém, se óculos e caneta fossem ideias, poderíamos ficar ambos com óculos e caneta.

Partilhamos. E é isso que a gente quer nesta nossa conversa. E a intenção é exatamente que essa partilha possa ampliar o espaço da reflexão. E além dos nossos convidados, que haja a possibilidade de a gente trazer mais gente, nas citações, nas referências etc.

Já vou buscar alguém, meu conterrâneo da melhor qualidade: Guimarães Rosa. Ele tem um mote que vai nos ajudar a percorrer nosso

caminho. Ele diz: “a cabeça da gente é uma só e as coisas que há e que estão para haver são demais de muitas, muito maiores, diferentes, e a gente tem de necessitar de aumentar a cabeça para o total”. A gente tem de necessitar de aumentar a cabeça. Cabeça, tronco e membros. Para que realmente haja uma possibilidade de crescimento de todos nós. Essa é a expectativa que a gente tem, portanto, estabelecer um diálogo nessa direção, de uma reflexão. Uma reflexão, um jeito de olhar diferente aquilo que está no cotidiano, uma forma de ultrapassar o senso comum, uma forma de reparar as coisas, como diz José Saramago no seu livro *Ensaio sobre a cegueira*: “Se podes olhar, vê; e se podes ver, repara”. A proposta aqui é, recordando como se diz em Minas Gerais: “ponha reparo nas coisas”. Olhe de um jeito diferente, com mais clareza, mais profundidade, mais abrangência. Acho que esse tema que nos traz aqui vai nos ajudar. A gente pensou em dois módulos. No primeiro, pensamos trazer algumas provocações que vocês viram lá quando viram a apresentação. O que queríamos era questionar uma única

visão de mundo, por isso mesmo é que colocamos as perguntas e as de hoje são: “A moral é grega? Tudo começou na Grécia? A moral é ocidental?” E a gente vai pensar na perspectiva da moral e da reflexão sobre ela.

A seguir, a gente vai perguntar se a moral é masculina. Depois, vamos perguntar se a moral é branca. E por fim perguntar se a moral é burguesa, se a moral é coisa do rei, do patrão etc.

São provocações, mesmo. Queremos explorar um tema que é mais do que candente nesta época. Temos falado tanto em ética e muitas vezes ela está só no discurso. Os nossos convidados vão nos ajudar a olhar isso de uma forma diferente. Hoje, com muito prazer, a gente vai inaugurar recebendo o professor Renato Janine Ribeiro. Ele é professor de Ética e Filosofia Política na USP, foi professor na Universidade de Colúmbia e na Unifesp, foi ministro da educação no governo de Dilma Rousseff, tem uma vasta produção que tem orientado, auxiliado muitos de nós na área da filosofia e fora dela. Renato Janine escreveu um livro com o qual ganhou o Prêmio Jabuti que se cha-

ma *A sociedade contra o social*. Ele tem um trabalho muito bonito em que explora sua experiência como ministro num livro intitulado *A boa política*. E muitos outros. Tenho bebido muito na fonte do Renato e estou muito feliz de recebê-lo agora, para que ele nos ajude a responder aquelas perguntas: A moral é ocidental? Será que tudo começou mesmo na Grécia? Com isso, a gente traz você, Renato, agradecendo muitíssimo e sabendo da riqueza que vai ser este encontro. Estamos torcendo para que seja. Obrigada.



1

renato
janine
ribeiro



O problema que fica, quando se discute ética, é que há uma ética mais sofisticada, que estou ligando a Kant, por exemplo, e uma visão comum da moral que continua ligada à punição. Daí uma expressão quase de autoajuda, que tenta expressar a ideia de que você não precisa temer a punição para ser ético: ético é aquilo que você faz quando ninguém está olhando.

renato janine ribeiro

Ética, moral, religião e o medo do inferno.

Tinham-me pedido para falar da ética na Grécia, mas pensei em sequestrar o tema. Quero colocar como primeira questão a maneira como a moral, ou a ética, se se preferir, se emancipa da religião. É um processo decisivo, que no Ocidente ocorre nos séculos XVII e XVIII. Ele é estudado por Daniel P. Walker, em seu *Decline of Hell: Seventeenth Century Discussions of Eternal Torment* (1964)¹, que li para meu doutorado, faz tempo. Trata da decadência do inferno no começo da modernidade.

O autor mostra como o medo do inferno vai diminuindo. Isso é importante para a moral, porque podemos ver que há uma moral tradicional, que persiste até nossos dias e que associa a conduta justa ao medo do castigo. Somente será moral aquele que acreditar em Deus, porque somente será moral quem acreditar nas punições eternas.

Lembremos que, em 1985, o então senador Fernando Henrique Cardoso perdeu a eleição para prefeito de São Paulo, possivelmente porque não acreditava em Deus. Uma pergunta lhe foi feita pelo jornalista Boris Casoy durante uma entrevista na televisão: “Você acredita em Deus?”. Fernando Henrique se atrapalhou um pouco, e disse: “Você prometeu que não ia fazer essa pergunta”. Essa resposta passou a imagem de alguém que não seria estável; alguém instável, que não tinha muita certeza do que dizia; ou, mais provavelmente, a imagem de um perigoso ateu.

Então, o que estava presente na repercussão que essa resposta terá tido naquela eleição acabou colocando Jânio Quadros na prefeitura da cidade de São Paulo por uma diferença de votos relativamente pequena, a tal ponto que, se Fernando Henrique tivesse dito que acreditava em Deus, talvez tivesse sido eleito.

¹ London, 1964, Warburg Institute.

Por que o suposto ateísmo de Fernando Henrique lhe custou o cargo de prefeito? Porque ainda perdura em muitas pessoas a ideia de que quem não crê em Deus não é uma pessoa ética. Ou seja, crer em Deus é acreditar num jogo de recompensas e punições posterior à morte. Há uma crença de que, se a pessoa for atea, pode acreditar que tudo se julgará já nesta vida. Pode então ter pleno sucesso e fazer coisas muito ruins. Por isso a crença em Deus seria uma condição para a moralidade, para a pessoa ser ética.

Essa ideia de inferno começa a declinar por volta de 1600, mas não sumiu por completo. O exemplo de Fernando Henrique Cardoso coloca o fato de que nenhum candidato à presidência dos Estados Unidos nem do Brasil diga que é ateu. É difícil um político dizer que é ateu, porque é correr o risco de perder votos. Justamente porque o ateu seria imoral. Essa, a grande relação entre moral e religião.

Estudei longamente o filósofo Thomas Hobbes e ele trava uma polêmica muito interessante com um bispo inglês, discutindo liber-

dade e necessidade. Hobbes diz mais ou menos o seguinte: “Tudo o que acontece está predeterminado. Porque o mundo é uma causalidade, tudo sucede segundo causas, causas são sempre anteriores aos efeitos. Deus conhece todas as causas, conhece todos os efeitos. Assim, tudo vai acontecer do jeito que já se sabe desde sempre. Só que nós não sabemos. Deus sabe. Nós não sabemos.”

O bispo fica muito incomodado com isso. E protesta: “Do jeito que o senhor diz, as almas irão para o céu ou para o inferno sem terem mérito para irem para o céu ou demérito, para irem para o inferno. As almas serão recompensadas ou punidas sem justiça. O que o senhor fala é muito grave. O senhor abole o céu, suprime o sentido do céu”, e acrescenta uma passagem que acho fabulosa: “pior ainda, porque suprime o inferno”. Ou, pelo menos, torna o acesso ao inferno injusto. Acho essa frase notável.

Esse bispo está nos dizendo: “Para a moral religiosa, o inferno é mais importante do que o céu”. O medo do castigo é mais importante do

que a esperança na recompensa. A ideia de uma punição eterna, terrível, horrorosa se torna mais significativa do que qualquer coisa para determinar a moralidade.

Posso aproximar essa percepção do Hamlet do “Ser ou não ser”. “Ser ou não ser” é um monólogo sobre o suicídio. Por que suportamos as ilações da lei, o desprezo da mulher amada, as injustiças, quando poderíamos pôr fim a tudo isso com um mero punhal? Mas a alma, diz ele, se acovarda e tem medo de que, depois deste mundo, tormentos ainda maiores ocorram. Assim, para Hamlet, é possível que a morte não seja a paz, mas a abertura para um espaço ainda pior, provavelmente o do inferno.

Uma terceira referência interessante está num livro muito bonito, *A religião e o declínio da magia*, do historiador inglês Keith Thomas².

Ele diz que muitos depoimentos ingleses do século XVI, geralmente na justiça, revelam: “Eu não faço questão de ir para o céu. Por mim,

poderia acabar tudo aqui. Mas não quero é ir para o inferno. Eu me mantenho religioso, faço tudo o que a religião manda, não por esperança de ir para o céu, mas por medo de ir para o inferno”.

Mencionei três casos ingleses em que o medo do inferno é mais importante do que a esperança do céu. E o medo do inferno é o fator determinante da moralidade. A moralidade estará associada ao medo.

Posso acrescentar um quarto exemplo inglês que é muito saboroso. O conde de Rochester é um ateu notório. É um libertino, na corte de Carlos II. Em 1680, está para morrer e o sacerdote lhe pede que confesse, que se arrependa, que se converta.

Ele responde: “Não, não vou fazer isso porque, o senhor sabe, eu não creio nisso, todos sabem que sou libertino, que não acredito em Deus”.

Mas o sacerdote lhe diz: “Conde, sabemos que o senhor não crê em Deus. Mas pense nos pobres. Pense em toda essa multidão de pessoas.

² *Religion and the decline of magic*. Nova Iorque, 1971, Charles Scribner and sons. Há tradução brasileira. *Religião e o declínio da magia*. Keith Thomas. São Paulo, 1991, Companhia das Letras.

Se souberem que um conde, um homem da mais alta grandeza, não crê em Deus, eles vão ainda obedecer aos mandamentos, vão ainda obedecer às leis do rei, vão ainda obedecer à moral?”

O conde se convence e aceita os últimos ritos da Igreja Anglicana, justamente para servir de exemplo a essa sociedade que somente será moral se tiver medo do inferno.

Vou contar mais um exemplo.

Teresa filósofa é um romance erótico francês de 1748, possivelmente escrito por Jean-Baptiste Boyer d'Argens³.

Teresa filósofa, *best-seller* na Europa do séc. XVIII, é o romance de formação de uma jovem tão inocente quanto disposta a fazer render todas as lições de luxúria de seus preceptores. Ela encontra um nobre, um homem muito inteligente que a deseja, que faz sua iniciação sexual ao mesmo tempo que sua iniciação filosófica. As duas coisas vêm juntas. A junção do erótico e do filosófico é muito bem feita. Ele

lhe explica que Deus não existe, que é tudo matéria. Mas, para o comum do povo, é bom acreditar em Deus porque, senão, e é a mesma coisa que eu já disse várias vezes, as pessoas vão ser imorais.

A associação entre moralidade e castigo eterno vem de longe. Não sei desde quando, não sei se desta Antiguidade, mas pelo menos desde que o cristianismo associou estreitamente moralidade e medo do inferno.

A DECADÊNCIA DO INFERNO E A AÇÃO COMO JUÍZO ÉTICO

Quando, nos séculos XVII e XVIII, o inferno tende à decadência, ocorre também um fenômeno interessante que é o uso da palavra “ateu”. Ateu, a rigor, não designa exatamente quem não crê em Deus: ateu é aquele que não crê nas punições eternas. Em outras palavras, ateu não é quem não crê em Deus, mas aquele que não crê no diabo. Porque, no final das contas, o diabo, o medo do diabo, seria o fator de moralização.

³ Há tradução, por Maria Carlota Carvalho Gomes. Porto Alegre, 2011, L&PM. Escrevi seu prefácio, mas saiu com erros. A versão correta de meu texto se lê em Aduino Novaes (org.), *Libertários libertinos*.

O que vamos ter naqueles séculos? Uma elite começa a descrever do inferno, perde o medo a ele - e, ao mesmo tempo, temos Kant, de quem eu apontaria uma ou duas ideias que me parecem, sinceramente, fabulosas.

Falo da ideia de que, quando você age, faz intrinsecamente um juízo ético. Assim, se eu passo na esteira do mercado e a caixa me cobra menos do que vale a mercadoria, e eu aceito, não digo que ela está se prejudicando, estou emitindo o juízo de que todas as pessoas podem fazer isso no mundo. Todos podem então fraudar a caixa. Ou, se não paro no sinal vermelho, emito um juízo implícito de que todos podem furar o sinal, com os danos que isso possa causar.

Essa ideia, muito interessante, é um pouco “dize-me o que ‘fazes’ e eu te direi quem és”, adaptando o velho adágio. A ação da pessoa contém um discurso implícito. Não é uma ideia apenas de Kant. Aparece em Hobbes e em muitos autores. É a ideia de que as ações são governadas pelas opiniões que as pessoas têm – “opinião”, aqui, é

mais ou menos o que desde Freud será chamado de inconsciente.

Ora, se as nossas ações trazem embutidas um juízo de valor, nelas emito um enunciado moral universal. E o faço sem precisar de Deus. Obviamente, o raciocínio de Kant nos leva a concluir que o correto é eu – e todos – pagarmos o que é devido, respeitarmos as leis e assim por diante. Daí, se pode ter uma moral, uma ética, sem a revelação divina, nem a punição demoníaca ou divina. Isso determina uma mudança significativa na ética, embora essa mudança, que eu dataria em Kant do ponto de vista filosófico, nos costumes, tenha começado antes. Mas essa mudança não se completou, e a maior parte das pessoas em nosso país, e certamente nos Estados Unidos, acha que os ateus são imorais.

O curioso, retomando o que afirmei antes, é que o ateu não é exatamente quem não crê em Deus, mas quem não crê no diabo. A vinculação de religião à moral é mais uma crença no inferno do que no céu. Mais uma crença nos poderes moralizantes do medo ao demônio do

que nos poderes moralizantes da esperança em Deus.

Talvez seja bom lembrar o que é o inferno. Não é um lugar onde as pessoas passam a eternidade sendo queimadas. O inferno é a ausência da visão beatífica. É a ausência da visão de Deus. É, então, a perda de toda esperança. Dante Alighieri, na “Divina Comédia”, traz muito bem isso: “Vós que entraís, largai toda esperança”. *Lasciate ogni speranza, voi ch’entrate*, inscrição que, no poema de Dante, se acha colocada na porta do Inferno. (Dante Alighieri, *Inferno*, III, 9.)

O inferno significa que não temos esperança alguma, é o desespero, a desesperança total. É isso que seria o inferno. Não é nada tentador, esse lugar. Mesmo sem diabo com chifres, sem tridentes, sem rabos, não é uma coisa tentadora.

ÉTICA, MORAL, CASTIGO E AUTONOMIA; AÇÕES ÉTICAS SEM SUJEITOS ÉTICOS.

O problema que fica, quando se discute ética, é que há uma ética mais sofisticada, que estou ligando a Kant, por exemplo, e uma visão

comum da moral que continua ligada à punição. Daí uma expressão quase de autoajuda, que tenta expressar a ideia de que você não precisa temer a punição para ser ético: “ético é aquilo que você faz quando ninguém está olhando”.

Ou seja, a ética existiria quando você pode prescindir do castigo. Aqui há alguns pontos: uma ética que não precisa da revelação divina, nem do castigo.

Isso trará uma responsabilidade gigantesca para o indivíduo, que Kant chama de autonomia. Literalmente, é dar a si próprio - “autos” -, a sua lei - “nomos”. Autonomia é a pessoa legislar por si própria. Aqui, vou adaptar Kant, talvez, modernizar um pouco Kant.

Quando falo de ética, gosto de eliminar toda e qualquer lista de certo e errado. Qualquer lista assim comete um equívoco gigantesco. Pode gerar ações éticas, mas não sujeitos éticos. Pode trazer resultados positivos para a sociedade, mas não forma seres capazes de pensar eticamente.

O grande exemplo disso é a lei. A legislação existe para quê? Existe para a sociedade funcionar de maneira equilibrada. Há leis de vários tipos, leis fiscais, leis penais, leis civis, mas todas elas tentam colocar uma certa ordem na sociedade. E há um ponto fundamental em todas essas leis: é inteiramente irrelevante se, quando você obedece à lei, você acredita inteiramente nela. Isso não tem a menor importância. A única coisa que importa para o sistema judicial, penal, ou mesmo para o convívio social, é se você cumpriu a lei.

Se a lei manda parar no sinal fechado, você para. Se fôssemos entrar na questão ética, eu perguntaria: “por que você parou no sinal fechado?”. Eu teria pelo menos três respostas.

Uma resposta seria: “medo do castigo”. Essa resposta é totalmente imoral. Isso significa que não estou parando porque é justo, porque é bom, mas apenas porque eu tenho medo do castigo. Não há moral alguma aí.

Outra resposta possível é: “paro porque a lei manda e a lei é para

todos”. Essa é uma interpretação mais valiosa, mas tem um problema, porque, se a lei for injusta, o que farei? E se o governante for Hitler, e ordenar o genocídio dos judeus, dos ciganos, dos homossexuais, dos comunistas, dos escravos? Eu cumpriria isso? Essa resposta seria melhor, mas não inteiramente satisfatória. Valeria, quando muito, apenas nas democracias, e nem sempre.

A terceira resposta é: “paro porque é justo; porque assim como há um momento em que meu carro pode passar, estando verde o sinal, há o momento em que ele deve parar para dar lugar aos outros”. Essa seria uma resposta ética.

Agora, imaginem se os guardas de trânsito fossem interrogar cada motorista por que ele parou no sinal vermelho? Isso seria totalmente inviável. Quer dizer, para a lei, não importa nada por que você parou. O importante é que parou. Parou por medo? Por respeito obsessivo pela lei? Porque acha justo? Não tem a menor importância. Isso vale para todas as leis. Você pagou o imposto porque considera justo?

Porque tem medo? Não interessa. A legislação é neutra em relação à moral.

A lei não está necessariamente pautada pela moral.

QUANDO A MORAL INFLUENCIA A LEI

É verdade, porém, que há uma tendência a novas leis surgirem ou serem modificadas em função de questões morais. Isso talvez não seja tão antigo. Comecei a perceber esse fenômeno quando Porto Alegre, no começo da década de 1990, adotou uma lei municipal mandando cassar o alvará de estabelecimentos comerciais que praticassem ou tolerassem assédio sexual.

Assédio sexual não é assunto da alçada do município. É crime e só a União pode legislar sobre crimes. Mas o município pode cortar o alvará de um estabelecimento que permita coisas erradas.

Foi interessante porque uma lei era votada, cujo escopo era visivelmente ético. Para pôr cobro ao assédio sexual, a forma que está ao alcance

do município é fechar o estabelecimento comercial que o tolerar ou efetuar.

Outras mudanças vão nessa direção: o assédio, tanto moral quanto sexual, é uma dessas questões. Inversamente, também mudam leis quando desistimos de moralizar. Um exemplo é a descriminalização do adultério. Ele já foi delito no Brasil. Não era um crime grave, mas incluía até mesmo pena de detenção. Curta, um mês, talvez dois, coisa assim. Mas uma pena de detenção que nunca era praticada, por todas as razões do mundo. A sociedade tinha se acomodado com isso. Se fosse punir todos os adúlteros, não haveria tempo para fazer coisas mais relevantes... A Lei nº 11.106, de 28 de março de 2005, descriminalizou o adultério.

Isso não quer dizer que a nossa sociedade tenha começado a aprovar o adultério. Simplesmente, entendeu que era um assunto sobre o qual não cabe legislar. Por exemplo: questões de vida íntima. Há algumas sobre as quais se começa a legislar e outras que se tiram da legislação. Não dá para dizer que

tendemos a parar de legislar sobre a vida íntima. A Lei Maria da Penha legisla sobre a vida íntima, com toda a razão, ao punir a violência praticada contra a mulher dentro de uma relação. E a jurisprudência ampliou a aplicação dessa lei para a agressão de mulheres a homens mais frágeis do que elas. O que acho totalmente correto.

Então, temos casos em que a vida privada deixa de ser vigiada pela lei e casos em que passa a ser controlada – sobretudo quando se vem punir o exercício desmedido do poder. A Lei Maria da Penha é um passo importante para democratizar as relações amorosas. Ela estabelece igualdade entre os parceiros e proíbe a violência do homem contra a mulher e vice-versa.

O que quero desenvolver é que a legislação, sempre, está considerando os atos, sua concretude. Não é que a intenção não conte nunca, mas conta pouco. Pode valer em certos casos, como para distinguir um crime premeditado de um crime não premeditado. Mas, em princípio, o que interessa é “está fluindo o trânsito?” Beleza.

O porquê de ele estar fluindo não importa.

LIBERDADE PARA INFRINGIR O PRECEITO ÉTICO

Quero também comentar uma esquina em São Paulo, se não me engano, na avenida Nove de Julho com a alameda Franca. Ali, é proibido virar à direita. Porém, não bastou haver o sinal proibindo virar à direita. A esquina tem uma série de obstáculos implantados no chão, para tornar “impossível virar à direita”. Isso é muito curioso, porque aí se juntam duas lógicas totalmente opostas: uma é a da proibição, outra, a da impossibilidade. Quando se proíbe algo, é porque existe uma possibilidade de se fazer a coisa errada. Proibimos, mas você tem autonomia, se quiser, para fazer a coisa errada. Agora, se houver impossibilidade física, não faz sentido proibir.

O equivalente disso, no cinema, é o filme *Laranja Mecânica* (1971), de Stanley Kubrick. Um rapaz agressivo, violento, é tratado para que sinta repulsa pela violência. Toda vez que praticar – ou apenas presenciar

– violência física, ele vomita. Não é que tenha sido tornado ético, ele foi condicionado, simplesmente, foi impossibilitado de ser violento.

Esse ponto é interessante realçar. Porque indica uma desistência da ética e até uma desistência da lei. É como se alguém dissesse; “não vai dar certo mesmo; as pessoas não vão ser éticas; eu não vou conseguir reeducar o criminoso. Então, o que faço?” É como castrar quimicamente o estupro. Pretende-se impossibilitar quimicamente a pessoa de estuprar. O que não impede a violência contra as mulheres. Porque está provado que homens tornados impotentes, até mesmo por causa disso, podem ser violentos com mulheres.

Mas o ponto que estou frisando é: não há ética (ou lei) se você não tiver a liberdade de infringir o preceito. Se é impossibilitada(o) de infringi-lo, não há ética. Você foi fisicamente impedida(o) de entrar na contramão ou de abusar sexualmente de alguém, ou de usar da violência. Portanto, se não pode escolher, não há mérito ou demérito na sua inação (ou ação).

Todos esses casos representam algo muito preocupante: a renúncia, a desistência da ética. Eu queria formular então uma pergunta: “estaremos numa sociedade em que ocorre uma espécie de desistência da ética?”

UMA ÉTICA MAIS EXIGENTE

Agora, vou passar quase para o lado oposto. Por que para o lado oposto? Porque vou defender a tese de que vivemos numa sociedade, num tempo em que a ética está se tornando cada vez mais exigente. Cada vez mais, os assuntos estão sendo discutidos eticamente. Isso me ocorreu a partir de uma história que me foi contada por uma senhora sobre sua tia-avó.

Essa tia-avó morava no Rio de Janeiro, andava pelas ruas do Botafogo, no começo do Século XX, com sua bengala e, toda vez que via um negro andando na calçada, ela o enxotava com a bengala dizendo: “Xô, xô, preto não é para andar na calçada. Preto anda na rua”. Isso acontecia no Brasil há menos de cem anos. E essa mulher era aparentemente muito honesta na sua vida pessoal.

Fiquei pensando: como é possível juntar a ética da qual estamos falando com uma ação tão sórdida quanto essa?

Essa pergunta também se aplica quando ouvimos falar dos políticos da República Velha. Vários deles se diziam honestíssimos. Diziam que era possível confiar num fio de barba. Alguns saíam da política sem terem acumulado dinheiro nem praticado corrupção. No entanto, eram homens machistas, com preconceito de cor, que discriminavam os pobres. Certamente, fizeram o mínimo possível no sentido de promover políticas favoráveis aos pobres. Talvez algum asilo, algum hospital. Mas nenhuma política pública voltada aos pobres. No entanto, eram pessoas consideradas éticas, modelos de virtudes.

Ora, o que aconteceu? Passamos a ter nível de exigência ética mais elevado. Esse nível não veio do nada. Veio de muita luta. Luta de mulheres, antes de mais nada. Recorro agora a Cornelius Castoriadis (1922-1997), filósofo, economista e psicanalista francês, de origem grega, defensor do conceito de au-

tonomia política, um expoente da filosofia francesa do século XX.

Castoriadis disse que a revolução feminina ou feminista foi a revolução mais importante do século 20. Uma revolução sem Comitê Central, sem Manifesto do Partido Feminista, sem Exército Vermelho. Mas que aconteceu no mundo todo, inclusive conectando pessoas que nem se conheciam.

Foi uma mudança enorme. Como também a luta pela igualdade dos negros, dos indígenas, dos povos colonizados, a luta pelo respeito às orientações sexuais. E o interessante nessas questões é que essas discussões suscitam novas discussões. Por exemplo: se o feminismo vai tendo sucesso, surge o problema do feminismo branco e do feminismo negro, se estão falando da mesma coisa. Se o feminismo das ricas e o feminismo das pobres é o mesmo.

Fico muito aborrecido ao ler sobre uma reivindicação supostamente feminista na Arábia Saudita: reivindicação das mulheres para guiarem carro. Quando penso que, na Arábia Saudita, uma quantidade

enorme de empregadas filipinas é estuprada pelos patrões, a reivindicação das mulheres ricas da Arábia Saudita de quererem guiar carro me parece superficial. Não que seja errado quererem dirigir carros. Mas teríamos um feminismo das empregadas humilhadas e ofendidas versus o feminismo das madames sauditas. Seriam dois feminismos totalmente diferentes.

Ampliando nossa conversa, quero lembrar uma coisa que ouvimos com frequência. Lula sempre se preocupa em propor uma vida mais confortável para as pessoas. Foi uma das grandes metas de seu governo. Uma das metáforas que ele usa para o conforto é o churrasco de domingo com a cervejinha. Durante o governo Lula, o Brasil saiu do mapa da fome. Aumentou muito a qualidade da comida. Muita gente que não comia carne começou a comer carne. Tudo isso são aspectos positivos. Mas isso trará um problema: já é insustentável alimentar a população com carne nos padrões atuais, quanto mais se quisermos aumentar o consumo de carne no mundo.

Em nosso país, nem todos comem carne todos os dias. E temos dois milhões de quilômetros quadrados, um quarto do Brasil, ocupado com pastagem. São 200 milhões de cabeças de gado, uma por hectare. Ora, se quisermos que todos comam carne com mais frequência, talvez tenhamos de dobrar a produção e a área de pastagem. Isso não é viável, não é possível. A geração de proteína animal é um processo que custa muito caro. Temos nutrientes que são extraídos do solo, até mesmo a água. A natureza é muito mais estressada para produzir proteína animal do vegetal.

Demos um passo ético importante: a redução da fome e a saída do mapa da fome. Porém, vem a questão: o acesso à carne, será que é ético? Será que é sustentável? Dará para todo mundo comer carne? Isso levanta muitas questões contestáveis eticamente. Uma delas é: vamos tornar a carne muito mais cara, para que somente os ricos possam comê-la? O que seria uma injustiça total. Ou faremos um racionamento, todo mundo passa a comer carne tantas vezes por ano? O que é praticamente inviável. Po-

líticas de racionamento não costumam dar certo. Ou o que faremos? Vamos incentivar outro tipo de consumo?

Ou passemos à agricultura biológica, orgânica. A “agricultura bio” é muito popular na França. Ela traz muitas vantagens para a saúde. Mas é mais cara. Então, de alguma forma, ela onera, estressa o planeta. Porque mesmo que você faça tudo da forma mais natural possível, está gastando mais dinheiro, que sai de algum lugar, de outra fonte.

PAÍSES DITOS SUSTENTÁVEIS TAMBÉM ESTRESSAM O PLANETA

A discussão ética não para nunca. Começo uma discussão ética dizendo: é antiético as pessoas passarem fome. E aí melhoramos a comida. Aí nos questionamos: mas será que essa comida não está estressando o planeta? E aí perguntamos: e se desestressarmos o planeta, cuidarmos melhor do planeta por um lado, vamos cuidar pior das pessoas por outro?

Creio que todos conhecem o IDH - Indicador de Desenvolvimento Hu-

mano. Criado por Mahbub ul Haq com a colaboração do economista indiano Amartya Sen, ganhador do Prêmio Nobel de Economia de 1998, o IDH quer ser uma medida geral, sintética, do desenvolvimento humano. Tem a pretensão de substituir com êxito o PIB, como medida da qualidade de vida. Diferente do PIB, o IDH não considera apenas a riqueza produzida no país, mas três fatores: a renda, a educação e a saúde.

Sobre educação, o professor Fernando José de Almeida, que está aqui entre nós, poderá até esclarecer melhor. Mas a educação exige um certo número de anos. Escolaridade é um dos fatores.

Aliás, na Wikipedia, todas as cidades brasileiras têm o seu IDH. Quando viajo para uma cidade, sempre procuro ver o seu IDH. Felizmente, tenho visto cidades com IDH alto e muito alto. Nesse ponto, o Brasil melhorou muito depois do fim da ditadura.

O primeiro IDH do mundo é o da Noruega. Há cerca de um mês, vi a notícia de que foi criado o IDHP.

Curiosamente, nele, a Noruega piora e o Brasil melhora.

O IDHP é um indicador para medir a pressão que o desenvolvimento dos países exerce sobre o meio ambiente. Foi criado pelo PNUMA, Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente. O IDHP, ou Índice de Desenvolvimento Humano Ajustado às Pressões Planetárias, é um índice experimental que ajusta o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) às pressões planetárias no Antropoceno.

Ora, países que historicamente ocupam os lugares de honra no IDH, quando aplicado o IDHP, simplesmente despencam na tabela. Já o Brasil sobe dez posições na tabela quando aplicada a variável de “ajuste às pressões planetárias”.

Assim, a Noruega, líder no IDH, exporta, por assim dizer, o lixo dela. Ela utiliza muito petróleo. O alto nível de vida da Noruega, mensurado pelo IDH, na verdade tem um custo que é lançado sobre outros povos. Então, quando você introduz o IDHP, a Noruega sai do primeiro lugar. O Brasil não estres-

sa o planeta tanto quanto alguns países ricos.

Vejam quanto a discussão ética é rica. A Escandinávia tem valores éticos muito fortes. Valores de sustentabilidade natural. Respeito ao outro. Não interferência na vida íntima das pessoas. Mas esses valores são custeados de certa forma por outros países, por outros lugares. Nesse sentido, a discussão ética não acaba.

VIVEMOS UMA DECEPÇÃO COM A ÉTICA?

Esta proposta ética é o inverso da pergunta anterior. Eu questionava se não estaríamos vivendo uma decepção com a ética, uma desistência da ética. Vamos fazer tornozeleira eletrônica. Vamos multiplicar câmeras pela cidade. Vamos fazer a inteligência artificial controlar as condutas erradas das pessoas. Tudo isso está sendo feito. Faz dois, três anos, li que teríamos um milhão de câmeras gravando ações humanas na cidade de São Paulo. Isso é o quê? Descrença de que as pessoas tenham comportamentos éticos, se não

tiverem outra pessoa, ou instituição, tomando conta.

Por um lado, temos assim a convicção de que é preciso alguma forma de tutela, um controle para que as pessoas sejam éticas – ou para respeitarem a lei.

Agora, ética tem a ver com intenção. Quando se pratica um ato com intenção ética, ele é ético; porém, se simplesmente me comporto para não ser punido ou ser recompensado, já não há ética.

Quem estudou bem os sistemas de controle foi Michel Foucault, examinando o panóptico, no seu livro *Vigiar e punir*.

Panóptico é um termo utilizado para designar uma penitenciária ideal, concebida em 1785 pelo filósofo e jurista inglês Jeremy Bentham, que permite a um único vigilante observar todos os prisioneiros, sem que estes possam saber se estão ou não sendo observados. Ele acreditava que o medo e o receio de não saberem se estão sendo observados os levaria a adotar o comportamento desejado pela dire-

ção da penitenciária.

Por requerer menor número de vigilantes, o sistema panóptico teria, segundo Bentham, a vantagem de ser mais barato do que o adotado nas prisões de sua época, sendo aplicável não só às prisões, mas a qualquer outro tipo de estabelecimento baseado na disciplina e no controle.

Nós controlamos porque descremos da capacidade de as pessoas se comportarem apenas por um princípio ético. Acreditamos que somente se comportarão por medo das punições. Esse é um lado. Por outro, quando se entra numa discussão ética, ela não para nunca. Se vamos alimentar as pessoas, se vamos alimentar com melhor qualidade, como vamos poupar o planeta? Esta discussão poderá ser muito longa. É profundamente rica. Essa discussão é uma das coisas que mais me interessa atualmente. A gente levanta uma questão e vê um problema que ela suscita, e então a pergunta é como resolver esse novo problema. A gente vai resolver. Não é simplesmente que se abra um buraco para tampar outro. Vai se

melhorar a vida. Neste ponto, sou bastante otimista.

Eu queria deixar essas duas questões antagônicas como sugestão de discussão para aprofundarmos. Estamos numa sociedade em que o aprofundamento ético dá o tom ou numa sociedade que está desistindo da ética?

A primeira questão é: estaríamos desistindo da ética? Teríamos chegado à conclusão de que só o medo produz efeito? Mas vimos que, se você só tem o medo do castigo de Deus, isso não é ético.

A segunda questão: estamos aprofundando cada vez mais o nível de exigência ética. Aceitamos, por exemplo, a igualdade entre homens e mulheres. Porém, uma vez aceita essa igualdade, resta muito para isso se tornar realidade. Ou então, na luta contra a fome, descobrimos que traz problemas de superprodução de carne, ou o dano ecológico que a criação de gado causa ao planeta. Calcula-se que um quarto do gás metano produzido no planeta provenha das vacas. É muita coisa. Não dá para imaginar uma socie-

dade que tenha uma, duas, três, quatro vezes o número de cabeças de gado que temos hoje no mundo. Seria uma sociedade que traria muitos problemas.

TEREZINHA AZEREDO RIOS

Acho que você cumpre aquilo que nos dispusemos a fazer. Leva adiante a nossa provocação ao trazer perguntas. Portanto, primeiro quero agradecer a você. Mas quero também pensar sobre algo. Você disse: “vou pegar um atalho aqui na conversa”. Isso a partir de nossa pergunta que era “Tudo começou na Grécia?” Porque, quando a gente fala em ética, quase imediatamente nos reportamos aos pensadores que iniciaram a reflexão naquele tempo, naquele lugar. E o que estava embutido ali era mais uma preocupação com a multiplicidade de comportamentos, de formas de estabelecer leis etc.

ESTARÍAMOS DESISTINDO DA ÉTICA?

Para encaminhar nossa conversa, eu gostaria de retomar algo que você foi falando, juntando. Primeiro, quero distinguir os conceitos de

ética e de moral. Tenho trabalhado a ideia de moral como esse conjunto de prescrições que organizam e orientam a vida das pessoas em sociedade. Nesse sentido, tenho uma multiplicidade de morais. Os costumes, as leis variam de sociedade para sociedade e, numa mesma sociedade, modificam-se em épocas diferentes. Diferente da moral, a ética se caracteriza como uma reflexão sobre a moralidade, como um gesto de verificar a consistência dos fundamentos daqueles valores. E, por isso mesmo, dizer que tenho inúmeras morais, mas uma única ética. Ou melhor, que na ética há uma pretensão de permanência e universalidade.

Você tem trabalhado com a ideia de pelo menos duas éticas. Uma ética de princípios e outra ética de responsabilidade. Eu juntaria as duas, dizendo que temos uma atitude, nos responsabilizamos por ela, mas ela é efetivamente ética quando está sustentada por alguns princípios que são o respeito, a justiça, a solidariedade. Trago uma ideia muito rica que nos é proposta por Umberto Eco: “A ética começa quando entra em cena o outro”. A

alteridade, portanto, é um elemento fundamental. Pensar no outro, considerar o outro, é a referência básica. E não agir de uma forma independente, alienada.

Quero ouvir os amigos que aqui estão que, na certa, como o Ismael (Ismael de Oliveira), trarão alguma pergunta. Mas eu gostaria que você pensasse conosco, na direção de responder à sua pergunta, o seguinte: tendo essa multiplicidade de morais, será que, eventualmente, não estaríamos desistindo da ética? Estaríamos levando em consideração apenas a moralidade? Eu quase caminharia no sentido de um relativismo, um “tanto faz”...

Quero saber como você pensa isso, a partir dessa sua preocupação. Até por conta da ideia que você traz – que eu acho muito rica – essa história “do que devo fazer” e “por que devo fazer”? André Comte-Sponville diz: “A pergunta da moral é: o que devo fazer?” Em geral, estou respondendo de acordo com o que me é prescrito. Mas a ética pergunta: “Que vida quero viver?” Só a partir dessa pergunta, eu procuraria, então, decidir o que devo fazer.

Gostaria de ouvi-lo em relação a isso.

RENATO JANINE RIBEIRO

NÃO APRENDEMOS A LIDAR COM DILEMAS ÉTICOS

Você colocou tantas questões que é difícil separá-las para uma resposta. Mas vou tentar me concentrar num ponto. A palavra moral ficou muito associada ao latim *mores*, que significa costumes. Moral ficou com sentido mais descritivo do que prescritivo. São costumes de uma sociedade que se tornam prescritivos apenas porque a sociedade os impõe, mas que têm uma universalidade duvidosa. É assim que se diz: há a moral pagã, a moral cristã, a moral do bandido, dos estupradores. Aqui, a palavra moral agrega pouco porque, se ela é relativa, abre mão da ideia do que é certo ou errado, justo ou injusto.

Por que a moral será relativa em relação a um grupo social ou um indivíduo? No limite, eu não poderia ter uma moral para cada um? E cada um teria a moral que lhe

fosse conveniente. Nesse caso, em vez de a moral prescrever, em vez de ter o bem como referência, ou algo análogo ao bem, a moral seria simplesmente uma zona de conforto absoluto.

A palavra ética me parece trazer uma riqueza especial porque, primeiro, traz a necessidade de cada pessoa encontrar seu próprio juízo ético. Fiz duas séries de programas para a TV Futura, em 2006 e 2008. Estão disponíveis na internet. Uma das séries era sobre dilemas. Coloquei as pessoas que participavam de cada episódio diante de questões.

Temos princípios éticos, por exemplo, não matar e não furtar. Desses princípios, qual deve prevalecer; qual é o mais importante? É claro que, dito assim, as pessoas tenderiam a responder “não matar”. Algumas, poucas, diriam o contrário.

Porém, considero mais importante a formação do sujeito ético do que a definição de uma ética pronta e acabada. O sujeito ético é o que aprendeu a discutir eticamente as coisas. Ao discutir, ele vai precisar se aprofundar e fazer uma esco-

lha que não será necessariamente a mesma para todos nós. Mesmo assim, não estamos renunciando a uma universalidade do bem.

Vou ser mais claro. Aprendemos uma série de princípios éticos. Todos eles parecem muito bonitos. Se tenho que escolher entre furtar e não furtar, esse não é um dilema ético. É um dilema entre a ética e a falta de ética. Pode até ser um dilema para alguém ganancioso. Mas esse dilema não é ético.

Porém, se eu tiver que escolher entre matar e furtar, entre não matar e não furtar, estou opondo dois valores. Na primeira série que fiz de Ética para a TV Futura, peguei a novela “Selva de pedra” e o caso de um motorista de taxi que encontra dinheiro roubado em seu veículo e decide devolver aos donos. De repente, ele tem o pai à morte, e fica ante o dilema de restituir o dinheiro aos proprietários ou de salvar o pai. Aqui, temos “não matar” e “não furtar” em oposição.

Aí temos uma questão delicada. Aprendemos os dez mandamentos, ou quaisquer princípios éticos, mas

não aprendemos o que fazer quando se dá um conflito entre eles. E você só se torna um sujeito ético quanto é capaz de lidar com conflitos entre valores éticos. Lidar com dilemas, realmente. Essa é a educação que temos que proporcionar.

Vou dar outro exemplo. É praticamente consensual que as pessoas não devem trair o cônjuge. Mas há muitos casais que se separam depois que um deles se apaixonou por outra pessoa e nem sempre avisa imediatamente. “Acabei de me apaixonar.” Depois, se casa de novo. No novo casamento, quer manter os valores que violou no anterior. A pessoa passou por uma zona cinzenta. Não sabe o que fazer, eticamente, porque aprendeu apenas os mandamentos. Aprendeu só os princípios. Não aprendeu a pensar quando princípios importantes entram em conflito.

Por exemplo: o princípio da fidelidade e o tipo de amor que tem com o cônjuge atual e o tipo de amor que tem com a nova possibilidade. São dois amores. Provavelmente, dois amores diferentes. Possivelmente, não um caso de desamor total, mas

a pessoa não sabe lidar com essa realidade. Vivemos numa sociedade que prepara muito pouco as pessoas para isso. Precisamos aprender a lidar eticamente com os dilemas.

Durante três anos, dei um curso de ética para jornalistas na ESPM – Escola Superior de Propaganda e Marketing. E quando se começava a discutir, por exemplo, como usar a rede social, a discussão virava um “papo cabeça”, com todos discutindo sobre a nova sociabilidade da rede social. Eu interrompia: “não é papo cabeça que eu quero; quero uma discussão ética”.

É curioso porque, quando você puxa o assunto para questões éticas, as pessoas não estão preparadas para entender qual é o teor ético da discussão. Para entender que o que está em questão é: o que é o bem; o que é o justo; o que é o certo.

TEREZINHA AZEREDO RIOS

É importante isso que você ressaltou. Que a ética existe mesmo em função desses dilemas. Se tudo fosse tranquilo, se não tivéssemos que enfrentar situações dilemáticas,

poderíamos abrir mão dessa reflexão. Vamos ouvir o que os colegas têm a falar sobre a sua provocação, seja com comentários ou com perguntas.

ISMAEL DE OLIVEIRA

VAZIO EXISTENCIAL DAS NOVAS GERAÇÕES

Professor, no começo de sua exposição, o senhor falava sobre religião e moral. Destacava na questão moral a crença de que o medo do inferno é mais significativo do que o medo de Deus. Nas minhas aulas de filosofia para adolescentes, tenho ouvido muitas vezes a expressão “vazio existencial”. Também se fala muito em suicídio. Isso ficou mais difícil durante o isolamento social provocado pela pandemia. Como o senhor vê esses problemas, principalmente em relação às novas gerações?

RENATO JANINE RIBEIRO

O PESO DA FALTA DE FUTURO

Eu pensaria primeiro o seguinte: uma das coisas mais terríveis é não

ter futuro. Uma boa parte dos conflitos que a gente tem, por exemplo, os conflitos entre a Palestina e Israel, em boa parte, estão ligados à privação do futuro, ao fato de os palestinos não terem futuro. Assim, quando não tem futuro, você não tem que fazer ou deixar de fazer alguma coisa, você pode sacrificar a sua vida por uma bobagem.

Aqueles depoimentos de jovens que optam pelo tráfico nas favelas do Brasil relatam, em síntese: “Eu não quero ter uma vida como a do meu pai, um homem que trabalhou a vida toda e não tem nada; eu quero ter carrão, eu quero ter medalhão de ouro; quero ter todas as gatas; e não me interessa se eu for morto aos 20 anos, porque terei vivido bem.”

Tudo isso está ligado à falta de futuro. Quando você não tem futuro, isso acontece. Um filme palestino, *Paradise Now*, muito interessante, trata disso. É a história de um rapaz que fica na dúvida se ele se torna ou não um homem-bomba. E a promessa para um homem-bomba é que, no instante exato em que ele explode, entrará no paraíso. O que é muito tentador. Mas o inte-

ressante é que o rapaz do filme não se sente muito entusiasmado com essa perspectiva.

E o curioso também em relação a esse filme é que as locadoras que os comercializam oferecem dois tipos de filmes que são bastante alugados. Um é dos mártires, antes de eles se explodirem: mostram-nos se despedindo, dizendo o que vão fazer e depois registram o estrago que causaram. Outros filmes mostram a execução dos traidores da Palestina. Os donos das locadoras dizem que os vídeos sobre fuzilamentos são muito mais alugados do que os dos mártires. No fundo, o martírio atrai pouco público, o que não deixa de ser um tanto patético.

Isso mostra, penso eu, que um dos grandes problemas em relação à juventude, que leva à marginalidade, ao crime, num país como o Brasil, é o fato de haver pessoas sem futuro. Se as pessoas tiverem futuro, o mundo muda. É essa a questão.

FERNANDO JOSÉ DE ALMEIDA

A TECNOLOGIA DA COMUNICAÇÃO E O DILEMA ÉTICO

Fico muito feliz não só de estar encontrando tantos amigos como ouvindo sobre um tema tão relevante neste momento. Quando o Renato me citou, referia-se à educação. Vou abordar esse assunto, nem sei se está na profundidade a que chegamos.

Quero pensar na escola concreta, na escola pobre, na escola rica, na escola afastada da periferia, nas escolas centrais.

Tem havido, na estrutura escolar, nas relações professores-alunos, entre os alunos, um esvaziamento da noção, da relevância da ética. Por quê? Porque a experiência do dilema é afastada. Eu só ofereço soluções nas escolas. Principalmente nesses modelos mais atuais da Base Comum Curricular. Solução programática, para resolver, para empregar, para criar empreendedorismo etc.

No entanto, quero acrescentar algo além dessa ideologia curricular que é o uso das tecnologias da comunicação como facilitadoras. A tecnologia tem aparecido como algo “entrega rápido”, com pouco empe-

nho, e com muita alegria, com muita satisfação. Algo muito lúdico, com o aluno feliz, alegre etc.

É mentira! Isso me parece que vai na contramão da discussão que a Terezinha vem propondo há tantos anos, você também, em outros tempos, do dilema, da angústia, do sofrimento, por perceber também o sofrimento do outro. Então, eu queria perguntar para você, quanto do mundo da tecnologia da comunicação funciona como emoliente dessa garra que a gente precisa ter para viver o senso ético? Vivenciar pessoalmente e com o outro, até o fundo, o dilema ético daqueles que se colocam no submundo dos dilemas éticos.

RENATO JANINE RIBEIRO

A LIBERDADE DE ESCOLHA E OS DILEMAS ÉTICOS

É muito bom você trazer essa questão, com toda a sua experiência na educação, porque vai rumo à substituição da liberdade de escolha pelos mecanismos de controle. Voltando ao caso do Laranja mecânica: o rapaz é um criminoso, extremamente agressivo, violento. E é condicio-

nado para, diante de qualquer ato de violência, sentir um mal-estar físico gigantesco. Com isso, sai de cena qualquer discussão ética. Não há mais ética. É uma questão de controle. E, quando se multiplicam as formas de controle sobre alunos, sobre cidadãos, sobre pessoas, seja por antenas, seja por um uso perverso da inteligência artificial, pode-se ir chegando a isso. Tomemos os big data, os grandes arquivos de dados, e vamos encontrar mais ações indesejáveis de controle, sem mexer nas cabeças das pessoas.

É aí que vislumbro o fracasso ético. Se não se mexe na cabeça das pessoas, elas se tornam autômatos. Vão obedecer ao que for determinado. Não terão feito uma escolha. Nossa questão crucial aqui é: para haver ética, tem que haver liberdade, tem que haver escolha. Para haver ética, tem que haver o risco da falta de ética. Quando se tiver a garantia de que todo mundo aja bem, não haverá ética, porque as pessoas vão agir bem.

E agir bem é duvidoso. Porque agir bem significa seguir parâmetros. Não quer dizer que esses parâme-

tros não possam ser modificados. É aí que a discussão se aprofunda.

INARA ZANUZZI

A CONTRIBUIÇÃO DAS SOCIEDADES NÃO OCIDENTAIS

Em que medida podemos atribuir às sociedades tradicionais, aos povos originários, por exemplo, uma ética na qual delineamos uma concepção do sujeito ético, com componentes de racionalidade, tão ligada a uma forma de cultura ocidental? Será o enfrentamento de dilemas, por exemplo, a melhor forma de descrever um ponto de vista ético de sociedades não ocidentais?

RENATO JANINE RIBEIRO

A ÉTICA UNIVERSAL COMO SÍNTESE

Li muito sobre sociedades selvagens, mas não saberia dizer qual papel tem o dilema dentro delas. O que eu poderia dizer é: haja ética em função de uma atribuição de significado aos atos. Muito especificamente, eu poderia dizer que há uma discussão ética importante no tocante a algumas tribos. É o caso de algumas

tribos que praticam o infanticídio de gêmeos ou crianças albinas.

Isso coloca sempre a questão se os antropólogos devem interferir ou não. Hoje, a tendência é interferir, levar essa criança embora, para ser adotada por uma sociedade que a aceite. Mas o que acho importante é evitar que nossa sociedade se diga superior à deles. Certamente, nesse ponto, podemos dizer que temos um respeito maior à vida. Mas em outros pontos, podemos aprender com eles. Eu lembro uma bela foto, de uma mãe yanomami dando de mamar a um bebê, com um seio, e a um porco do mato, com o outro. Essa inclusão deles na natureza pode ser um exemplo para nós.

Quando entra a questão de ética, penso que poderemos construir uma ética universal, mas essa ética universal não pode ser uma extensão da ética ocidental. Será uma síntese de éticas diferentes. Vai haver budismo, islamismo, povos originários...

TEREZINHA AZEREDO RIOS

A GARANTIA DA PLURALIDADE

Tem sido essa nossa intenção, abordar a ética no sentido da pluralidade. Não podemos ter como referência, para o julgamento de outras culturas, aquilo que é válido nas nossas culturas. Nesse sentido é que fiz referência a alguns princípios que têm a pretensão da universalidade, para que haja possibilidade de entendimento, algo que diga respeito a uma perspectiva de uma humanidade solidária, mais acolhedora. Quando você faz referência à atitude de alguns grupos indígenas, isso fica muito claro. Quando dizemos que o outro entra em cena, sempre pensamos nesse outro como um sujeito humano. Mas há uma multiplicidade de outros, para além dos humanos!

É importante lembrar de algo em que Ailton Krenak tem insistido muito: esse outro é a montanha, é o rio, é o tal porco do mato. Recentemente, ele estava falando exatamente disso. Disse que um jornalista foi entrevistar alguém, parece que lá entre os krenak mesmo, e a índia estava conversando com a montanha. Um outro krenak estava abraçando uma árvore. O jornalista estranhou muito. Ailton comen-

tou: “Não tem gente que abraça seu carro? Por que não abraçar a árvore?”. Não tem gente que conversa com fotografia? É essa pluralidade mesmo que deveria ser garantida. Na direção da constituição de algo que tivesse caráter universal. Que estivesse relacionado a uma perspectiva planetária.

VERISSIMO DA SILVA

CAPITALISMO DE VIGILÂNCIA E COMPORTAMENTO HUMANO

Eu gostaria de um comentário adicional do professor, em termos de ética, moral, liberdade e autodeterminação, quanto à influência do capitalismo de vigilância ou do capitalismo informacional, buscando prever e modificar o comportamento humano mediante a aplicação de algoritmos e utilização da inteligência artificial.

MÁRIO VALLE

ÉTICA, MORAL E CAPITALISMO.

Estamos na iminência do fim de nossa existência. Penso que o capitalismo é o grande vilão dessa

história. Então, pergunto: é possível ser ético no capitalismo?

RENATO JANINE RIBEIRO

A MALEABILIDADE DO CAPITALISMO

São muitas questões. Sobre o capitalismo de vigilância, creio que já falei. Já falei de todos os procedimentos de vigilância, as maneiras de conduzir as pessoas.

Agora, a questão “se é possível ser ético no capitalismo”, claro que é. No capitalismo, não significa que todo mundo age da mesma maneira. As pessoas agem de forma diferente. Por exemplo, o próprio capitalismo se humanizou extraordinariamente, graças aos movimentos anticapitalistas. Movimentos comunistas, socialistas, trabalhistas, mais recentemente ambientais. É um sistema que tem uma maleabilidade significativa. E creio que, dentro dele, a reivindicação ética é uma reivindicação contra ele. Mas que acaba fazendo-o melhorar. Esse é um lado positivo.

Agora, seria preciso saber, no caso de terminar o capitalismo, quem

ou o que entraria no lugar dele. Porque os projetos socialistas que foram tentados não funcionaram. Não afirmo que o sistema capitalista funcione muito bem. Podemos dizer que o comunismo não funcionou muito bem na União Soviética, mas tenho sérias dúvidas de que o capitalismo funcione no Brasil, no sentido de produzir resultados bons. Não penso que seja o sistema econômico definitivo.

TEREZINHA AZEREDO RIOS

ANTECIPANDO OS TEXTOS SEGUINTE

Sabrina fez referência a uma provocação que vai se seguir. No próximo texto, teremos o professor Renato Nogueira, que vai trabalhar com a ideia de racismo, de preconceito, de discriminação.

A seguir teremos a professora Halina Leal que trabalhará a questão do feminismo, das atitudes de confronto.

E a propósito da ideia do capitalismo, teremos no quarto texto, um professor conhecido por sua atitude

de enérgica em relação a algumas características desse sistema, que é o professor Ricardo Antunes, da Unicamp.

Assim, seguimos adiante com nossa conversa.

Mas a Renée quer fazer uma pergunta.

RENÉE ZICMAN

EDUCAÇÃO E OS DESAFIOS QUE O PAÍS ENFRENTA

Renato, eu queria voltar à sua provocação, no final da sua fala, quando você pergunta, trazendo outro dilema. Afinal, abrimos mão da ética ou, por outro lado, o caminho é reafirmar o sentido pleno de se buscar, enfim, de reforçar os princípios éticos? E o desafio de como se discutem os dilemas éticos, diante de pessoas sem perspectiva de futuro. E aí, pensando no Brasil, e pensando no mundo inteiro, mas eu queria focar no Brasil de hoje, uma questão trazida pelo Fernando Almeida. Como fica a educação, diante de um monte de desafios, um monte de dilemas que têm

muito a ver com a ética?

Você trouxe o problema da Arábia Saudita, da elite que quer o carro, enquanto você tem uma situação com trabalhadores imigrantes, muito precários, explorados e abusados. Aqui também temos desafios éticos importantíssimos, nessa desigualdade social gigante que o país vive. Acho que a sua provocação, no meu modo de entender, já trazia ali um pouco a resposta, na indicação de uma segunda opção.

Como é que a gente consegue hoje pensar essa questão dos dilemas éticos, da afirmação desses princípios, e dessa exigência quase de construção de uma sociedade mais justa que passa pela ética, junto com todas essas questões que estão colocadas de falta de futuro, falta de perspectiva, de uma desigualdade gritante, de uma pandemia que veio reforçar tudo isso, dentro de uma percepção ética, de um dilema ético?

RENATO JANINE RIBEIRO

VIVEMOS UM DIVISOR DE ÁGUAS

Essa questão que você colocou,

Renée, de certa forma, você já respondeu. Hoje, temos uma divisão que se torna particularmente aguda, na hora em que alguns se auto-definem como cidadãos “de bem”, dizem-se morais, denunciam os outros, e exibem um nível de corrupção, de crueldade, de ódio raras vezes visto, talvez nunca visto na história deste país. Essa questão já está no horizonte.

Estamos diante de um gigantesco divisor de águas, que exige de todos nós uma tomada de posição. Essa tomada de posição tem que acontecer... estamos nos sentindo muito desarmados, ainda mais porque a pandemia nos isola, dificulta protestos públicos. Mas acho que você colocou bem o divisor de águas.

A Arábia Saudita era um exemplo. Isso existe por aqui também, quando você tem feminismo de pobres e feminismo de ricos. Cada etapa que surge exige definições éticas que são complexas. Não são fáceis.

FLAVIO SERGIO JORGE DE FREITAS

ÉTICA E LIBERDADE

Para haver ética, é preciso haver liberdade de escolha. Como podemos discutir essa questão ao tomar como exemplo a chamada liberdade que uma pessoa se apregoa ao se recusar a tomar uma vacina?

ANAXIMANDRO ORLEANS CALLE DE PAULA

COMO LUTAR PELA ÉTICA?

Diante do desânimo/desistência que domina muitos em meio à catástrofe social, econômica e sanitária do Brasil, como pôr em prática uma reação, uma luta pela ética?

RENATO JANINE RIBEIRO

A ÉTICA E OS VALORES HUMANITÁRIOS

A liberdade não pode ser entendida puramente como uma liberdade individual. Ela tem efeito sobre os outros. Se me recuso a ser vacinado, e assim inviabilizo a formação de um contingente que detenha a difusão do coronavírus, então estou fazendo uma coisa errada. Errado eticamente, errado até criminalmente. Poderia ser considerado

errado criminalmente. Eu não veria problema em a legislação impor a vacinação obrigatória. Já aconteceu. Vacinação obrigatória de um século atrás, no Rio de Janeiro, causou até uma revolta. Foi difícil. Mas foi uma medida sanitária necessária.

Quanto à resistência, em termos éticos, concordo, é preciso colocar claramente os valores da humanidade – tolerância, solidariedade, valores positivos – que foram substituídos pelos valores do ódio. Isso é imprescindível. Na verdade, hoje vivemos uma situação em que a discussão política se tornou uma discussão ética.

CRISTIANE PATRICIA DE OLIVEIRA CARVALHO

A CRENÇA EM DEUS E A ESPERANÇA

Lembro-me de que Roberto Freire, também candidato à presidência, deu entrevista se declarando ateu. Na mesma hora, sem ter pensado, perdeu a eleição. Como as pessoas escolherão uma pessoa que não acredita em Deus? Quem irá guiá-lo? Eu era muito jovem e meu sentimento tinha a ver com essa

esperança.

**CARMEN LIGIA CESAR LOPES
TORRES**

**O PERIGO DAS NARRATIVAS
FASCISTAS**

O resíduo do medo do inferno, ainda na sociedade moderna, talvez, substituído pela vigilância da tecnologia, não é o caldo da cultura que tem trazido à tona narrativas fascistas que acabam afrontando a emergência de sujeitos éticos?

SÉRGIO LUGAN

**O EGO HEDONISTA SEM A
EMPATIA PELO OUTRO**

Em uma modernidade permeada pelas relações digitais com ênfase no ego hedonista, onde a escolha leva todos à procura do que é espelho, o espaço para o outro que é diverso diminui, afundado no inferno do igual. Como a ética pode atingir a plenitude sem o diverso, sem a empatia pelo outro que não é o nosso espelho?

RENATO JANINE RIBEIRO

**O OUTRO É O SER HUMANO, O
PLANETA, O UNIVERSO.**

Acho que são questões que se autorrespondem. Elas vêm em tom de pergunta, mas eu diria que são afirmações. Sem a percepção do outro, o outro que não é apenas outro ser humano, é o planeta, o universo, a gente fica muito limitado.

Penso que podemos concluir, bem, com essas perguntas que são na verdade afirmações. Muito obrigado.

TEREZINHA AZEREDO RIOS

**A IMPORTÂNCIA DAS RESPOSTAS QUE
GUARDAM PERGUNTAS**

Queremos agradecer a você Renato, por essa contribuição tão rica que nos traz, para fazer brilhar um pouco mais esta nossa estreia. É importante, eu acredito, que a gente vá criando pontes para os próximos palestrantes. Essas perguntas são muito valiosas, tanto quanto os comentários. Na verdade, há muitas coisas que poderíamos trazer para você. Sempre fico muito curio-

sa a partir de cada uma das coisas que você nos traz.

Há um livro do Renato que eu tenho explorado muito que se chama *A universidade e a vida atual*. Ele tem um subtítulo: “Fellini não via filmes”. Gosto desse livro, gosto desse artigo especialmente, no qual ele diz que Fellini, para produzir aqueles filmes que nos encantam, não era um sujeito que ia só ao cinema. Mas estava aberto para todas as outras perspectivas da arte.

Isso eu trago para anunciar que, no segundo módulo do nosso trabalho, vamos fazer exatamente a aproximação da ética com vários espaços do conhecimento. A ética e as ciências, a ética e as religiões, a ética e as artes, a ética e a política e economia, e a ética e a educação. Nesta última, teremos como convidada uma pessoa que está aqui entre nós, a professora Branca Ponce e o professor André Luiz dos Santos.

É importante, então, pensarmos isto: são perguntas, as perguntas é que são fundamentais. Lá no livro do Renato, nesse que eu mencio-

nei, há outro artigo muito interessante. Ele diz respeito à produção de trabalhos acadêmicos. Mas a afirmação que o Renato nos traz é excelente: “Nada é mais perigoso para o conhecimento do que a terra firme.”

Acho ótimo isso. Não são as certezas. Elas são ricas. É muito importante que a gente tenha certeza, que haja algo em que possamos nos apoiar. Mas é importante lembrar que elas são sempre provisórias. E as respostas melhores que a gente tem são aquelas que ainda guardam perguntas nelas. Por isso mesmo eu acho que foi rico este nosso momento.

Reitero o agradecimento ao professor Renato Janine Ribeiro.

RENATO JANINE RIBEIRO

Obrigado a todos também.